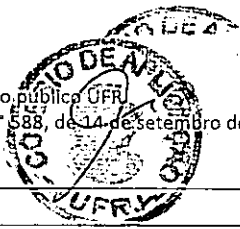




1ª Questão: "A cultura é tudo", dizia Aimée Cesáire. Com esta frase, o autor afirma que o conceito de cultura não está apenas na maneira como escrevemos livros ou construímos casas, mas na maneira como nos vestimos, andamos e nos portamos. Tudo é resultado da cultura na qual estamos inseridos. Se o colonizador impõe sua cultura como dominante, como produz arte de invenção e constitui uma identidade autônoma? Por colonização cultural entende-se não só uma colonização política e territorial - resultado das grandes navegações do século XVI, mas também a hegemonia cultural de uma superpotência como os Estados Unidos, que dita ~~as~~ tendências, não só no Brasil, como em inúmeros outros países.

~~Como~~ Como colônia portuguesa, o Brasil sofreu influências holandesas, francesas e portuguesas. As primeiras imagens de Brasil que chegaram até a Europa, não foram ^{evidentemente} as pinturas rupestres da Serra da Capivara, feitas por nativos da terra descoberta ~~em~~ até então desconhecidas; mas relatos e imagens produzidos por estrangeiros que chegaram até a corte.

Durante a ocupação holandesa em Pernambuco, Nassau mandou produzir um grande corpus de obras que vão de mapas a representações de índios e naturezas mortas, sempre acentuando a exuberância e exotismo dos trópicos. Pintores como Frans Post e Albert Eckhout, formados na Europa, não podiam ~~ser~~ adotar um ponto



de vista outro que o etnocentricismo tem sobre os costumes e cultura de então. Em seu ensaio "Os Canibais", Michel de Montaigne, discerne sobre dois índios levados à corte e observados como animais exóticos.

O interesse por culturas consideradas e tratadas como exóticas do ponto de vista etnocêntrico perduraria ainda no século XX. Nas Grandes Exposições Universais, era comum trazer nativos das respectivas colônias para serem observados nos pavilhões como animais exóticos. Esta perspectiva etnocêntrica impulsiona ~~o~~ o olhar do civilizado.

Com as vanguardas do século XX, a arte de matriz africana passa a ser uma grande inspiração para os cubistas, surrealistas, entre outros. Estes se inspiram em máscaras, estatuetas e outras peças para desenvolver a figura humana. Um destes peças, uma máscara da etnia FANG pertencente a André Derain foi uma das peças que inspirou pintores como Picasso. Os artistas visitavam o Museu do Homem, em Paris, em busca de inspiração. Cabe aqui a ressalva de que a própria ideia de museu é conectada à ideia de colonização, um locus de exposição de grandes artistas, mas também de grandes saques ocorridos após conflitos políticos.

A Academia Brasileira de Belas Artes segue o modelo Europeu, e, sobretudo o ~~o~~ modelo acadêmico francês, trazendo nas missões francesas inúmeros artistas franceses como Auguste Rodin ou Jules de Tonnay. Com o advento do romantismo no século XIX, passa-se a valorizar

O nacional. As artes são confrontadas a práticas e narrativas indianistas numa tentativa de restaurar um mito puro de nação. Exemplo disto é "O Guarani" de José de Alencar, também encenado em ópera de Carlos Gomes e retratado por pintores.

No modernismo brasileiro surge a primeira manifestação de in- contra o modelo europeu e tentar usar algo de fato original. A antropofagia, cunhada por Oswald de Andrade, "Tocumins" de Mário de Andrade, colocam a cultura indígena como matriz e motor de uma cultura moderna e original. Com quadros como "O Chopuru" ou "A mulata", Tarsila do Amaral coloca em pauta as "coisas brasileiras". Não se deve esquecer, no entanto, que ainda que tentassem escapar de um modelo etnocêntrico, os modernistas eram muito influenciados pelas vanguardas europeias. Prova disto são as inúmeras viagens que faziam ao velho continente. A própria Tarsila foi aluna do Fernand Léger. Ao deixar o estrangeiro para criar um produto original, no entanto, nota-se que no modernismo começam os índios para uma inversão do si verdadeiramente autoral.

Os anos 1950, marcados pelo crescimento industrial nos anos 20 foram terreno fértil para o surgimento de novas subjetividades num projeto de modernidade material. A construção de Brasília pelos urbanistas modernos de Niemeyer e Costa,

O surgimento da Bossa Nova, do Cinema Novo, do Teatro de Arena contribuíam para um momento de ebulição cultural. Nas artes visuais, a Bienal de São Paulo em 1951 premia Max Bill marcando a força e influência do construtivismo europeu nas artes brasileiras. O abstracionismo geométrico se espelha entre concretos e neo-concretos numa vontade de alcançar o um caminho ~~para~~ do universo.

Com a Nova Figuração, nos anos 1960, assistimos a uma volta de uma necessidade de unir artes plásticas e política e questões sociais numa crítica integrada a novas linguagens. A repressão da ditadura começa a se refletir na produção de artistas que usam a arte como resistência. Hélio Oiticica é o primeiro artista a compreender no Brasil a característica nômade, impura e multiforme. Sua obra "Tropicália" de 1965, já trazia estampada em um de seus penetráveis e dílgios "A pureza é um mito", mostrando que não haveria porque buscar pureza e origem numa cultura já totalmente contaminada por acessos e fluxos de migrações. Oiticica é também o primeiro artista brasileiro de classe média a subir o morro e se inspirar no morro, sua arquitetura, no samba como combustível para seu pensamento e obra, negando a separação entre o que então se chamava alta e baixa cultura. Para concluir com Hélio Oiticica, notamos

que este é um bom exemplo de como se supera a colonização cultural, numa invenção consciente e estratégica para criar uma obra que transcende uma ideia de raça pura e original, para ganhar uma subjetividade contaminada por diversas influências, e símbolos de identidades plúris e contemporâneas.

Questão 2: Os trâmites da diáspora negra ~~que~~ começam no Brasil com o tráfico de navios negreiros. Da condição de escravos a libertos, a homens autônomos, a história da arte parece ter uma lacuna de obras produzidas nos períodos colonial por negres. ~~No século XIX, no entanto, no séc. XIX~~ Sai-se enfim, de uma perspectiva naturalista de retratar negros e índios para criar uma produção autônoma. A abordagem da diáspora pelo viés crítico aparece em inúmeras obras. Em sua obra "Amulato, A mulata, A mulata", Anna Bella Geiger coloca em questão não só a influência do *Cultus Afro Brasiliense*, como a dificuldade de inserção social do negro no país, e do próprio país como deficiente por não ter conseguido superar ~~estratégias~~ os traumas da escravidão. Fotógrafos como Claudia Andujar, Hilton Guan ou Miguel Rio Branco lançam um olhar pungente sobre diferentes grupos indígenas, atentando sobre sua extinção. No entanto, os exemplos citados acima são de artistas ~~formados por~~ brasileiros que não são



negros ou índios e colocam em pauta a questão dos lugares de fala.

Não poucas vezes contemporâneas, dois artistas brasileiros são bons exemplos de práticas e estéticas que falam de um lugar interno. A obra do artista baiano Lysson Heráclito lida com a simbologia, alimentos rituais e certos materiais afro-brasileiros. Questionando os resquícios da escravidão na sociedade.

Outro exemplo contemporâneo é o mineiro Paulo Nazareth, para quem a diáspora é motor da obra. Em seu performar mais famoso, Paulo foi a pé de Minas a Miami, onde chega à feira de arte Miami Basel e estaciona uma Kombi repleta de bananas, criando a instalação "Art Market/Banana Market". A banana representa aqui a instabilidade social política brasileira que resultou no apelido unânime pelos americanos de "República das Bananas". Já em "Cadernos do Afica", Nazareth registra num caderno, o que há de Afica no Brasil, mas também sua viagem à Afica de origem. A própria persona de Nazareth vai na contramão do hype do mundo da arte, o artista anda de chinelos, roupas simples. Para a Bienal de Veneza, preparou uma instalação mas num ato político e cultural se recusou a ir a Europa. Envio dois índios: Genito Gomes e Valdomiro Flores para que ficassem na porta de



Sua instalação contando ao público. Sobre as violências sofridas por suas etnias

Ao se recusar a estar presente na Bienal, Nagareth narra a recusa em ir a Liverpool e defende "O centro do mundo é onde nós estamos". Sua declaração subverte e afineja o eurocentrismo vigente no mundo da arte. O colonialismo foi uma força cultural potente na formação dos países. Atitude de Nagareth se afina com as teorias de Stuart Hall para quem as instituições de poder, como a Igreja e os Estados codificam ideias na mídia e cabos ao público e disseminam e senas críticas para com a mesma.

Na era do pós colonialismo, surgem novas identidades e práticas políticas e culturais nas antigas colônias. Para Hall, o colonizador tem o poder de nos fazer ver e conhecermos como outros. Nos regimes coloniais o próprio povo se considera inferior e não civilizado, interiorizando desse modo o ponto de vista negativo do colonizador. Isto vale também para as antigas colônias e para imigrantes em grandes metrópoles. O que Hall faz é retomar Frantz Fanon, para quem a colonização produz indivíduos sem amarras, sem horizonte, sem lei, sem estado e sem raiz. Com os exemplos acima, buscou-se mostrar que se cria uma produção que fica num lugar de trânsito, um



ente-lugar. O Aletivo Operará como Pj: Self-Serviço ou Tupicodé, enfatizando a influência indígena na produção cultural plástica brasileira e contribuem para ressignificar o olhar do público sobre ~~partes~~ temáticas indígenas, trazendo o que contemporâneo e contribuindo para um questionamento ético na produção de arte brasileira.

Questão 3.

As pesquisas em ensino da cultura dos povos originários, é preciso estar atento a questões do lugar de fala. As culturas indígenas são muitas e múltiplas e também já não carregam em si a pureza. É importante conceber que nas perspectivas de ensino atuais, os alunos devem ser confrontados a esta produção múltipla em toda sua complexidade. Não se trata apenas de um olhar estético. Como aponta Suzanne Blier a respeito de figuras e estatuetas do Benin, a figura não fala sobre a ~~psique~~ psique do artista, é preciso analisá-la sob o prisma da saúde psíquica do indivíduo e da comunidade. Ainda que a observação de Blier diga respeito a outro continente, é importante ter em mente que muitos objetos produzidos pelos povos originários são associados a ritos ou funções utilitárias e que ver essa produção sob um prisma puramente estético é deslocar o objeto de seu significado.